

TAMANHO É DOCUMENTO? UMA ANÁLISE DA SEXUALIDADE, RELAÇÕES DE GÊNERO E FORMAÇÃO DOCENTE ATRAVÉS DE DESENHOS INFANTIS

Ana Paula COSTA¹

Andreza Marques de Castro LEÃO²

Anne Caroline Mariank Alves SCALIA³

Paulo Rennes Marçal RIBEIRO⁴

133

RESUMO: A partir de desenhos de crianças de uma sala de 4ª série do ensino fundamental participantes de um projeto intitulado “Prevenção também se ensina”, no qual foram trabalhadas questões de sexualidade e relações de gênero, os autores refletem sobre as manifestações da sexualidade e dos comportamentos e atitudes de gênero que ocorrem na escola, relacionando-as com a necessidade da educação sexual em uma abordagem crítica e emancipatória, que, no entanto, só poderá ocorrer com o aperfeiçoamento da formação docente.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Educação sexual. Educação escolar. Criança. Formação de professores.

Introdução

Em uma escola pública do ensino fundamental foi implementado o projeto intitulado “Prevenção também se ensina”, que tinha por objetivo trabalhar questões de sexualidade e relações de gênero com crianças, com base nos pressupostos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), visando informações e conscientizações do/as alunas sobre questões sexuais e os papéis que “a priori” são atribuídos a homens e a mulheres.

Participaram do mencionado projeto alunos e alunas de uma classe do 4º.ano e

¹ UNESP - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Psicologia da Educação - Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX). Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - anppessoa@yahoo.com.br

² Pesquisadora Prope-‘Jovem Pesquisador’. Pós-doutoranda em Educação Sexual e Sexologia. UNESP - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Psicologia da Educação - Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX). Araraquara – SP - Brasil. 14800-901 - andreza_leao@yahoo.com.br

³ Doutoranda em Educação Escolar. UNESP - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letra - Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX). Araraquara – SP - Brasil. 14800-901 - sapidemens@yahoo.com.br

⁴ Coordenador do Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX). UNESP - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Psicologia da Educação. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - paulorennes@fclar.unesp.br

uma professora. Palavras soltas com significados entrelaçados representam o que procuramos discutir neste artigo, ou seja, as “inevitáveis” manifestações da sexualidade e da aprendizagem de gênero na escola e a necessidade de uma educação sexual emancipatória, através do aperfeiçoamento da formação docente.

O projeto girou em torno de 03 livros *Mamãe botou um ovo* (1993), *Cabelinhos nuns lugares engraçados* (1999) de Babette Colle e *Menino brinca de boneca?* (1998) de Marcos Ribeiro. Estes livros foram empregados porquanto abarcam de forma lúdica diferentes assuntos de sexualidade. Ademais, após a leitura destes livros os pesquisadores instigavam a discussão dos assuntos tratados com os alunos, e em seguida, solicitavam atividades de desenho e resumo da obra, de modo a averiguar a compreensão.

Em certa medida, observamos que os desenhos das crianças, por mais que estejam baseados nas histórias contadas nos livros, revelam o que pensam sobre sexualidade e sobre o que é ser um homem e uma mulher. Deste modo, o que encontramos em suas gravuras não é somente a figura de um pênis, de uma vagina ou de posições sexuais. Encontramos sim concepções sobre essas figuras, conceitos que, construídos socialmente, indicam preconceitos, subserviências, questionamentos e indignações sobre as formas que aprendemos, ao longo da vida, para nos comportarmos sexualmente enquanto homens e mulheres.

Gobbi (2012) em seu instigante artigo intitulado “Desenhos e fotografias: marcas sociais da infância” expõe que os desenhos são formas das crianças se expressarem, sendo representações do mundo. A autora menciona também que os desenhos infantis são fontes documentais, apresentando um papel cultural, e por isso é tão pertinente a interpretação dos mesmos, isto é, a compreensão de como estes desenhos estão sendo colocados no papel.

Em estudo anterior, que buscou a conjugação entre a sexualidade infantil e o desenho, a autora constatou nos desenhos e nas falas de meninos e meninas de quatro anos que eles reproduzem as relações de homens e mulheres, os papéis sociais: mães que cozinham e cuidam dos filhos; pais que trabalham. Contudo, aparece nos discursos destas crianças e nos desenhos a mudança do papel social: mães que trabalham e pais que são responsáveis pelas tarefas domésticas e pelos cuidados dos filhos (GOBBI, 1999).

Em suma, o estudo minucioso dos desenhos permite-nos investigar como tais relações estão sendo construídas, possibilitando a problematização deste assunto

(GOBBI, 2012). De fato, os desenhos são ricos, retratando, entre outros, as relações de gênero que perpassam a sociedade, podendo ser uma profícua ferramenta de discussão deste e de outros temas.

As entrelinhas dos desenhos provocam inquietações. Assim, nos cabe questionar: e o papel da escola na constituição de identidades sexuais e de gênero? O que vêm aqueles que defendem a educação sexual na escola? O que o/a professor/a precisa saber e até desconfiar para trabalhar com essas questões? Será que estão, realmente, preparados/as para isso?

As mensagens que os desenhos oferecem, os questionamentos que surgem destes e as inquietações que a junção desses dois elementos nos ocasionou, levaram-nos a percorrer os caminhos dos estudos de sexualidade, relações de gênero e educação sexual. Esperamos, portanto, mais que desvendar conceitos ou fazer análises “confabulosas” sobre os desenhos, provocar e suscitar questões e desconfianças a quem lê.

Um pouco de sexualidade e relações de gênero...

Talvez um início redundante, mas, certamente, instigante é o modo como o assunto sexualidade nos instiga. Na família, na educação, na igreja, na política, na mídia, nas ciências entre outras instituições sociais, a sexualidade é um forte elemento que suscita discussões de várias “naturezas”, ora normatizadoras, ora revolucionárias.

Da igreja medieval, para a sexologia do século XIX e desta para os entraves da AIDS no final do século XX, a sexualidade assumiu várias “roupagens”, o que nos leva confirmar o paradoxo que gira em torno da instância sexual, ou seja, sua natureza essencialmente social. Esse paradoxo pode ser explicado por Weeks (2000, p.40) ao afirmar que

[...] a sexualidade é, na verdade, ‘uma construção social’, uma invenção histórica, a qual, naturalmente, tem base nas possibilidades do corpo: o sentido e o peso que lhe atribuímos são, entretanto, modelados em situações sociais concretas.

Como construção social, a sexualidade assinala a importância do espaço e do tempo histórico na sua elaboração (NICHOLSON, 2000). Viver desejos, prazeres

sexuais e, conseqüentemente, satisfazê-los implica uma dinâmica de atos sexuais diversos que, socialmente, são apresentados aos indivíduos. Neste contexto, podemos afirmar que a diversidade pode ser interpretada de forma errônea se a história da sexualidade não for levada em conta.

Os contornos fixos da sexualidade estudada pelos sexólogos do século XIX, ao cair nas mãos do filósofo Michel Foucault, transformaram-se em possibilidades de experimentações sem culpa, mas também de controles. Leão (2012) ao refletir sobre este conceito refere que o intuito dos métodos de controle é disciplinar, tornar os sujeitos a serem produtivos e dóceis, portanto, o controle visa o enquadramento.

Em *A história da sexualidade* Foucault (1988, p.100), propõe interpretar a sexualidade pelos discursos e práticas que engendrados sobre esta, empregam-na várias formas de vivenciá-la, propondo certa liberdade aos sujeitos, mas também mecanismos para lhes aprisionar. Nesta perspectiva, ao tratá-la como dispositivo histórico, Foucault afirma que

[...] a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldades, mas a grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação do discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias do saber e dos poderes.

Observamos que os discursos e práticas envoltos à sexualidade geram certo saber sobre esta, como também uma forma de controle sobre a maneira como a vivemos. Neste contexto, as instituições sociais têm um papel fundamental na relação saber/poder, afinal, se homens e mulheres podem ser considerados animais racionais e, portanto, sociais, sua transformação em sujeitos históricos perpassa pelo seio dessas instituições.

Na leitura de Leão (2012) da obra foucaultiana a pesquisadora explana que há poder nos distintos discursos das instâncias sociais: na medicina, na linguagem patológica; na igreja, na linguagem do que é pecado; no âmbito jurídico, por meio da linguagem do delito, enfim, estas instâncias incentivam o discurso sobre sexualidade objetivando o controle dos sujeitos.

Assim, fica evidente a “mão pesada” do conceito de sexualidade como dispositivo histórico de Foucault, já que como construção histórica, o entendimento que

possuímos de sexualidade passa, primeiramente, pelas formulações que fazem essas instituições, como também pela interlocução deste conceito com categorias como classe social, etnia, religião e, sobretudo, o gênero (LOURO, 2003).

Deste modo, além de considerarmos o peso da cultura na constituição da sexualidade, focaremos a relação de gênero, pois entendemos que a forma como nos concebemos socialmente como homens e mulheres interfere, diretamente, na forma como vivemos as manifestações sexuais.

Vale frisar que as relações de gênero procuram atribuir um sentido às relações de poder, sendo que estas relações consolidam a dominação masculina e restringe as mulheres a uma posição subalterna (LEÃO, 2012). Portanto, podemos afirmar que o conceito de gênero engendra, como o de sexualidade, relações de poder, já que nos mostra como homens e mulheres são construídos socialmente. Um conceito, um tanto quanto revolucionário, pois o social e o cultural passam por transformações que mudam as instâncias nas quais se fixam. Diante dessa perspectiva, o gênero assinala que se as mulheres são consideradas o “sexo frágil” e os homens “a potência e a virilidade”, tais rótulos podem mudar, e por que não, trocar de características.

Deste modo, o gênero mostra a construção social da masculinidade e da feminilidade que nossa “teimosia” biológica tenta acobertar, quer dizer, a nossa potencialidade de reverter o que se apresenta como dado natural. Conseqüentemente, quando a prerrogativa social vence a prerrogativa biológica, somos conduzidos a enxergar as características sociais que são naturalizadas para cada sexo. Neste contexto, as mulheres podem ser também viris, racionais, práticas e de atuação pública, enquanto os homens podem ser frágeis, sensíveis, intuitivos, maternais, de lócus privado e chorar.

O conceito que nos permite pensar mudanças na forma como a masculinidade e a feminilidade obedecem aos padrões culturais é originado no século XX, dentro do movimento feminista. Ao deixar de assinalar estudos, essencialmente, de mulheres, o conceito de gênero transforma-se em um enunciado relacional, já que parte para as relações de poder que engendram o feminino e também o masculino (LOURO, 2003).

Joan Scott, historiadora norte-americana, fornece uma boa explicação deste conceito em seu artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995). Segundo esta autora, o gênero é “[...] um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.” (SCOTT, 1995, p.14-15). Nas palavras de Leão

(2012, p.36) “[...] as relações de gênero, como relações de poder, de modo geral, têm como características serem hierárquicas e desiguais.”

Observamos que o gênero constitui a “chave” para se compreender como feminilidades e masculinidades são construídas e engendradas por relações de poder no espaço e no tempo em que são significadas socialmente.

Amarrar sexualidade e gênero corrobora que não dá para pensar em um sem considerar o outro. Além disso, não dá para considerá-los sem a instância que os constrói, ou seja, a cultura e suas instituições sociais, agentes de socialização do indivíduo desde que este desponta do útero para a sociedade.

Em relação aos mecanismos institucionais que condicionam masculinidades e feminilidades no padrão da norma aceita pela cultura, Souza (2007) em sua tese de doutoramento *Desvendando práticas familiares e escolares a partir das relações de gênero: uma reflexão sobre a educação de meninos e meninas* mostra como o gênero é socializado em uma escola do ensino fundamental e na família. Segundo esta autora, a família e, igualmente, a escola constituem agentes primordiais na construção do gênero feminino e masculino, e logo na forma como meninos e meninas experimentarão a sexualidade.

A leitura da tese de Souza nos faz pensar que a família, como um primeiro agente de socialização do indivíduo no mundo, ao mesmo tempo em que evidencia a construção social da masculinidade e da feminilidade, mostra-nos também uma grande resistência às mudanças, uma vez que, agir dentro deste segmento apresenta-se um tanto quanto complicado. No entanto, se é difícil modificar seu processo, o germe de formação do gênero, manipular seu resultado, o gênero já construído, pode parecer uma ação possível.

De acordo com Leão (2012), tanto a sexualidade quanto as relações de gênero são temas que perpassam o ambiente escolar, sendo que os alunos antes mesmo de adentrarem este ambiente já incorporam valores quanto a gênero no seio familiar, desde tenra idade. A escola, outra importante instância social, pode contribuir para mitigar as concepções equivocadas que por vezes trazem do contexto familiar. Porém, em vez de confrontar tais concepções, a escola geralmente as reforça.

Em outras palavras, se é complicado que nós, educadores e educadoras, interfiramos na educação referente ao gênero e à sexualidade que as crianças recebem dentro de suas famílias, trabalhar com essa aprendizagem na escola pode não ser, sendo

preciso, inicialmente, a conscientização da necessidade da escola não coadunar com rígidos padrões definidores de masculinidades e feminilidades. Conforme salienta Leão (2012), a escola pode ser um instrumento crítico quanto a forma como é ensinado os estereótipos sexuais.

No entanto, antes de propormos tal empreitada, cabe nos perguntar: o que a escola nos oferece em termos de educação sexual para a emancipação e maior igualdade humana? É o que veremos a seguir.

Educação sexual e o direito de saber sobre sexualidade...

Vários autores que têm trabalhado com a questão da educação sexual (MAIA, 2004; MELO; POCIVI, 2002; FIGUEIRÓ, 2004, 2007; LEÃO, 2009, 2012) mostram a necessidade de se realizar estudos e pesquisas que dêem subsídios para a implantação de programas de educação sexual para crianças, adolescentes e professores/as.

Os PCN com os temas transversais destacaram a sexualidade e a educação sexual como temáticas relevantes para discussão nos estabelecimentos de ensino. Por outro lado, a escola se tornou palco onde a sexualidade se manifesta com todo o seu vigor, mas encontra a indiferença, a negação e o preconceito quando foge da norma culturalmente estabelecida.

Sempre que interagimos com uma pessoa, seja ela, criança, adolescente, adulto ou idoso, e lhe ensinamos algo (mesmo que não intencionalmente) a respeito da sexualidade, do corpo e do relacionamento humano, estamos educando sexualmente. Assim, ensinamos por meio de nossas atitudes, de nossos exemplos, de nossa forma de nos relacionarmos com o outro e de como nos portamos como homens ou como mulheres. (FIGUEIRÓ, 2007, p.26).

O campo da sexualidade e da educação sexual, com ênfase nas relações de gênero, constitui espaço importante para a efetivação de propostas concretas de ação em que se combata a discriminação, o preconceito e a violência, tanto simbólica quanto real. Desta forma, precisamos perceber a educação sexual como um elemento integrante do processo de construção de uma cidadania ativa. Ou seja, além da preocupação com o desenvolvimento de ações educativas voltadas para que os/as professores/as entendam a importância de se respeitar e valorizar a diversidade sexual e a igualdade de gênero

precisamos levar em conta que a inclusão social somente será completa se dela fizer parte a inclusão sexual.

Dito isto, entendemos a sexualidade como questão fundamental para a busca de um ensino de qualidade e o/a professor/a como educador sexual, sendo este/a profissional peça central nesse processo. Assim, educar sexualmente é atuar como facilitador e não apenas como um expositor de idéias ou um doutrinador (RIBEIRO; REIS, 2005), buscando ser um agente transformador e multiplicador de valores como qualquer outro educador. Suas colocações não podem ser pessoais a ponto de serem consideradas absolutas e nem impessoais a ponto de serem mecânicas.

Conforme lembra Leão (2009), geralmente os alunos não apresentam uma opinião formada sobre a sexualidade podendo adotar como sua a opinião do professor, devido à procura de seus próprios referenciais. Por isso, compete a este profissional ter cautela em suas ações, de maneira a confrontar seus conceitos, crenças e valores. A referida pesquisadora acrescenta que o interessante é o professor buscar compreender e tentar respeitar os comportamentos distintos dos seus, pois suas atitudes devem ser democráticas, neutras e isentas de prescrições.

No entanto, é mister lembrar que pensar na inserção da educação sexual traz à tona o profissional que irá implementar esta educação. Os PCN discorrem que os professores que tem esta responsabilidade. Todavia, sabe-se que muitos destes profissionais consideram-se receosos, inseguros e despreparados para este trabalho (FIGUEIRÓ, 2004; LEÃO, 2009, 2012; MAIA, 2004).

Os PCN vão completar 15 anos, porém nada foi feito no sentido de preparar profissionais para a implementação da educação sexual. Leão (2009, 2012) ao discorrer sobre os cursos de formação inicial de professores menciona que são poucas as tentativas de inserção da sexualidade como disciplina na formação do professor, ou seja, os cursos de graduação desconsideram este assunto com teor de ensino. Já quanto aos profissionais que atuam na rede, a autora problematiza que não há preocupação pela formação continuada, sendo que quando são questionados ou precisam abarcar este assunto, por vezes fazem uso do conhecimento de senso comum, ou, empregam o discurso repressor e/ou conservador.

Como sinaliza Guimarães (1995), se os programas de educação sexual forem introduzidos nas escolas sem a devida formação do/as professore/as há o risco de reproduzirem padrões sexuais e de gênero opressores e repletos de valores, assim como,

de preconceitos. O que salienta a importância da formação inicial e continuada deste profissional, formação esta que visa contribuir para que eles repensem seus conceitos, valores, tabus e mitos de cunho sexual.

Em síntese, esta formação visa que tenham subsídio teórico-científico para sobrepujar o saber de senso comum, considerando que a sexualidade é inerente a educação integral dos alunos, direito destes (LEÃO, 2009, 2012).

Por este caminho perpassa o paradigma de uma educação sexual emancipatória, que entende os direitos sexuais como direitos humanos universais, criando espaços para debater dúvidas e angústias, refletindo não apenas sobre valores e conflitos, mas questionando tabus e preconceitos. Uma educação sexual, portanto, que busca reconstruir inicialmente concepções internas para que depois se espraie para o coletivo, que não peque na busca de receitas, mas desperte a consciência crítica, possibilitando aos indivíduos escolherem caminhos sem medos, valorizando as diversas relações sociais, buscando o “[...] desenvolvimento pessoal do ser humano como um ser corporificado, sexuado, contribuindo na busca de uma cidadania para todos.” (MELO; POCOVI, 2002, p.38).

Enfim, ser educador sexual de maneira emancipatória é estar em um intenso processo de trocas e aprendizados.

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é **transferir conhecimento**, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. [...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem **formar** é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. (FREIRE, 1998, p.24-25, grifo nosso).

A qualidade das relações humanas estabelecidas entre professor/a e alunos/as é a grande educadora ou ‘deseducadora’ sexual na escola. Se essa qualidade foi construída por um/a professor/a que, além de respeitar, aceitar e gostar de seus/as alunos/as e do seu trabalho pedagógico, gosta de si mesmo e se conhece, tenta superar seus limites,

medos e tabus, é aberto a mudanças, à revisão dos resquícios de uma educação sexual repressora e busca permanentemente compreender a complexidade da sexualidade humana, teremos, com certeza, um ambiente de educação sexual compreensiva.

A educação sexual no âmbito escolar traz benefícios a todos os envolvidos, mas tem como meta maior, assim como tudo na escola, atender nossas crianças e nossos adolescentes em seu direito a uma educação integral, que, para ser entendida, não pode negar a sexualidade. Mas quem educa o/a educador/a? Precisamos antes de qualquer coisa, propiciar aos/as professores/as condições para que estes/as se percebam como seres sexuados no mundo, em permanente processo de educação, inclusive de educação sexual. Precisamos trazê-los para esta educação sexual emancipatória, fazendo-os refletir sobre os costumes repetidos acriticamente em nossa sociedade, questionando-os/as se os tabus, preconceitos e medos servem ainda para a realidade em que vivemos, tentando levar estes/as professores/as a falarem com naturalidade sobre a temática sexualidade.

Apostamos em uma educação Sexual capaz de ser ousada, transgressora e política, pois pensamos que os significados que damos às coisas, aos objetos e às pessoas decorrem do sistema de interpretação que possuímos e que é resultante da nossa experiência histórico-socio-cultural. Desta forma, como declara Figueiró (2004, p.126),

A formação continuada dos professores deve ser encarada como uma prática social, assim como o ato de ensinar também o é. Deve ser desenvolvida dentro de uma perspectiva na qual o papel da escola seja concebido como o de formadora do indivíduo para o exercício da cidadania.

Por fim, pensamos que a formação continuada na temática sexualidade somente se efetivará se considerarmos os/as professores/as como sujeitos capazes de agir profissionalmente, sujeitos que pensam e refletem, ou seja, profissionais detentores/as e produtores/as de saberes no âmbito de sua prática docente (TARDIF, 2002). Apenas desta forma poderemos assumi-los/as como os principais construtores/as do processo de sua formação bem como, e acima de tudo, nos distanciaremos da visão de modelos técnicos e tradicionais de ações pautados, principalmente, em treinamentos e capacitações de curto prazo.

Revelando sexualidades e relações de gênero: o que os desenhos nos dizem...

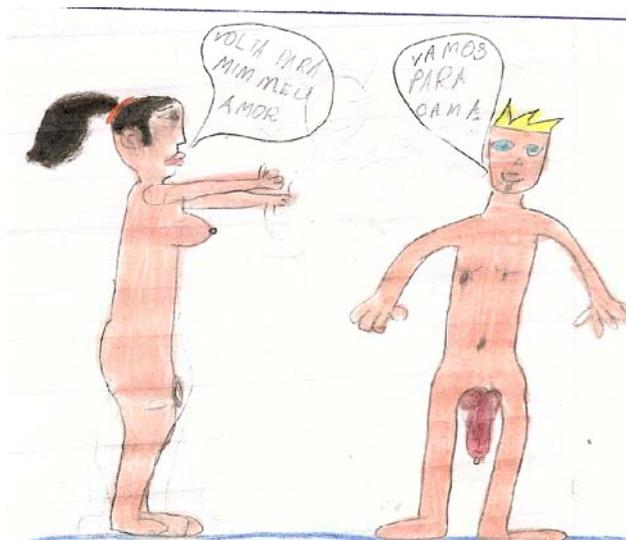
Dentre os vários trabalhos das crianças desenvolvidos no projeto, optamos pela seleção de 10 e destes recortamos alguns fragmentos, os quais revelam importantes concepções de sexualidade e relações de gênero. Nosso intuito não foi avaliar o trabalho docente, mas corroborar a necessidade de uma formação teórica e prática que lhe desse subsídio para desenvolver as temáticas abordadas pelos livros.

Não havendo uma formação anterior, restou à docente, responsável pela classe de 4ª série, o cumprimento de um programa proposto pela delegacia de ensino, reflexo das demandas enfatizadas pelos Temas Transversais, como exemplo a Orientação Sexual. Observamos que o “descaso” dos órgãos educacionais superiores para com os/as professores/as, que exigem destes/as o trabalho de temas, os quais não foram trabalhados em sua formação, resultam em trabalhos pontuais e, por vezes, tratados de forma acrítica perante os/as alunos/as.

Alguns desenhos podem ilustrar essa situação:

Figura 1 – Concepção de sexualidade





Fonte: Elaborado pelos alunos do projeto.

A leitura e a relação desses desenhos revelam como a masculinidade é construída socialmente para exercer uma ação pública, enquanto a feminilidade restringe-se no âmbito privado. Ou seja, o primeiro desenho, feito por um menino, evidencia a nudez frontal masculina com o pênis em destaque, estando este órgão sexual em consonância com a norma cultural que recai sobre o tamanho “adequado”, no caso grande, para uma boa aceitação entre seus pares, bem como o sexo oposto.

O desenho baseado no livro **Cabelinhos nuns lugares engraçados** de Babette Cole relata o crescimento e as transformações que ocorrem no corpo durante a fase de crescimento. Porém, o que chama a atenção no desenho do menino é a desproporção do tamanho do pênis, que apesar de já estar adulto, não precisa chegar até ao “joelho”, o que mostra claramente que a masculinidade é medida pelo tamanho do órgão genital masculino.

Em contraposição, a figura feminina, tanto no desenho citado acima, como no segundo, feito agora por uma menina, mostram sutilmente a nudez feminina, sendo esta apresentada de perfil ou então parcialmente despida. As imagens revelam, portanto, que o “esperado” comportamento sexual de uma mulher seja atrelado ao pudor, o que de certa forma, vincula a mulher ao amor, à maternidade, à passividade, ao lar etc.

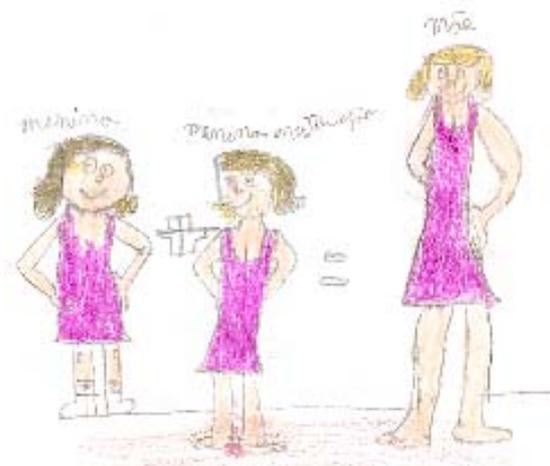
Neste contexto, tanto a feminilidade como a masculinidade, expostas nestas gravuras, refletem a inscrição do gênero no corpo feminino e masculino, os quais espelham a “boa conduta” vinculada para a mulher e a “liberdade sexual” que é imposta aos homens.

Figura 2 - Concepção da mulher na ótica da menina



Fonte: Elaborado pelos alunos do projeto.

Figura 3 - Concepção da mulher na ótica do menino





Fonte: Elaborado pelos alunos do projeto.

Estes desenhos também invocam a desigualdade de gênero e sexual. No primeiro desenho, realizado por uma menina, a concepção de que a mulher que está com “mau-humor”, conseqüentemente, está menstruada evidencia a naturalidade envolta à Tensão Pré-Menstrual. Sabemos que durante o período de menstruação, as mulheres passam por mudanças hormonais, cada uma reagindo de uma maneira diferente. Generalizar a equação “mulher de mau-humor \Rightarrow mulher menstruada” resulta em simplificar e naturalizar um processo complexo e, também, de construção social.

Defendemos que o período pré-menstrual não é, simplesmente, uma reação biológica, pois é afetada por condicionantes sociais, como a mudança do papel da mulher na sociedade, que hoje já não é mais o de dona de casa, mas, pelo contrário, acumula funções que geram stress, tanto para o sujeito feminino, como para o masculino. Desta forma, o que encontramos foram idéias corroboradas de forma sutil que engendram pré-conceitos, que se não forem discutidos acabam por diminuir um gênero em detrimento do outro.

Já o segundo desenho, elaborado por um menino, associa a menstruação à possibilidade de ser mãe. Tal imagem pressupõe que a maternidade é função feminina, pois toda mulher, pelo fato de menstruar, inevitavelmente, um dia será mãe. Corroboramos que, o menino não está equivocado por completo, no entanto, uma discussão deveria calcar essa sua idéia, uma vez que nem toda mulher opta pela maternidade e, por conta, de avanços tecnológicos muitas mulheres se quer menstruam. Isso significa que, nem sempre, a menstruação pode ser associada à maternidade.

Em oposição à função maternal, ao esboçar a concepção “menino + esperma”, o

garoto acaba por sobressair a força à idéia de que um dia o menino também possa ser pai. Fica evidente que a maturação feminina é diferente da masculina, uma vez que o crescimento da mulher a associa à maternidade, enquanto o crescimento do menino relaciona-o à aquisição de força e sua identificação com a virilidade.

Os desenhos das crianças revelam suas concepções de como se enxergam como homens e mulheres e, conseqüentemente, como também direcionam suas sexualidades. Este fato assegura que a sexualidade e o gênero estão presentes em sala de aula e que a formação continuada dos/as professores/as, em relação a esses temas, é necessária e urgente. Neste contexto, não cabe mais vincular “pedagogias da sexualidade” (LOURO, 2000), ensinando meninos e meninas a se portarem sexualmente como manda a norma culturalmente aceita, mas sim assumi-los na beleza que há na sua totalidade sexual.

À quiçá de considerações...

Pensamos que falar de sexualidade e relações de gênero é instigante, mas também complexo. Essa complexidade pôde ser vista nos poucos desenhos expostos neste artigo, cujos olhares de interpretação podem ser múltiplos, mas nunca simplistas.

Os documentos educacionais divulgam que a sexualidade deve ser tratada como fonte de vida, no entanto, o que averiguamos é a afirmação desta como um tópico pontual, presente em projetos que objetivam o controle da gravidez na adolescência e a prevenção de doenças, com ênfase no uso de preservativo, inculcando nos sujeitos um caráter negativo atribuído às manifestações sexuais. Igualmente, as relações de gênero também se encontram nestes documentos, porém acabam por se manifestar negativamente, quando as diferenças sociais são corroboradas como naturais, causando resultados desastrosos na vida de meninos e meninas, o que, de certa forma, culmina na desigualdade entre os sexos.

O processo de constituição social das identidades sexuais e de gênero se dá no âmbito das instituições sociais, como exemplo, a escola. Neste contexto, é impossível negar a manifestação dessas identidades nos espaços escolares, como também a atuação dos/as professores/as sobre esta. Assim, faz-se necessário prepararmos nossos/as educadores/as para agirem conscientemente sobre as manifestações de sexualidade e relações de gênero que ocorrem em suas salas de aulas. É preciso muni-los de formação

para saberem informar os alunos, educar sexualmente de forma emancipatória, isto é, instigando a crítica e a reflexão.

Claro está que a demanda social pede abordagens conscientizadoras sobre sexualidade e relações de gênero. Mas será que são mesmo conscientizadoras? A escola está para emancipar ou para enquadrar? Quem nos educa? Algumas considerações, certamente reflexões, mais desenhos e muitas questões...

Os papéis de gênero podem ser questionados?

Figura 4 - Distinções de gênero nos papéis



Fonte: Elaborado pelos alunos do projeto.

Meninas gostam de rosa? Meninos gostam de azul? Meninos fortes? Meninas fracas?

Figura 5 - Distinções de gênero nas cores



Fonte: Elaborado pelos alunos do projeto.

Figura 6 - Distinções de gênero na força física



Fonte: Elaborado pelos alunos do projeto.

As meninas podem jogar futebol e os meninos usar brincos?

Figura 7 - Distinções de gênero nos hobbies e uso de acessórios



Fonte: Elaborado pelos alunos do projeto.

Ter pênis grosso é ser mais másculo?

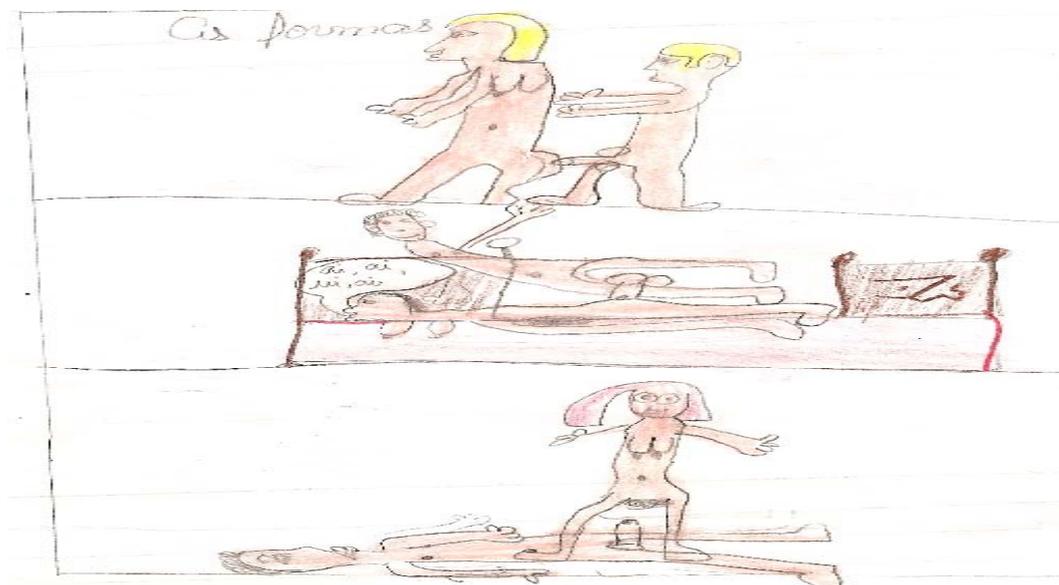
Figura 8 - Foco- órgão genital



Fonte: Elaborado pelos alunos do projeto.

Será que a história da cegonha ainda surte efeito?

Figura 9 - Posições sexuais



Fonte: Elaborado pelos alunos do projeto.

Por fim...

Figura 10 - Outras posições sexuais



Fonte: Elaborado pelos alunos do projeto.

Há muitos a se fazer pensando na implementação de uma educação sexual emancipatória no cenário escolar. Estes desenhos ilustram que os alunos de uma

classe do 4º. ano querem falar sobre o assunto, apresentam alguns conceitos e preceitos sobre. Cabe a nós o papel de instigar a problematização científica, despida de verdades, valores, conceitos morais e preconceitos. Enfim... mãos à obra.

IS SIZE A DOCUMENT? A STUDY ABOUT SEXUALITY, GENDER RELATIONS AND TRAINING OF TEACHERS

ABSTRACT: *The authors worked in a 4th grade room of elementary school and used children's drawings in which the students have shown their impressions and understandings with sexuality and gender relations. The article reflect about the manifestations of sexuality, behaviors gender and sexual attitudes at the school and relates to the necessity of sex education in a critical and reflexive approach, which, however, can only happen with the improvement of teacher training in sex education.*

KEYWORDS: *Sexuality. Sex education. School education. Childhood. Training of teachers.*

REFERÊNCIAS

FIGUEIRÓ, M. N. D. O professor como educador sexual: interligando formação e atuação profissional. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias.** São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p.115-151.

FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito à diversidade.** Londrina: Ed. da UEL, 2007.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque.* Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1998. (Coleção Leitura).

GOBBI, M. Lápis vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e crianças pequenas. **Pró-Posições**, Campinas, v.10, n.1, p.139-156, 1999.

GOBBI, M. Desenhos e fotografias: marcas sociais de infâncias. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 43, p. 135-47, jan./mar. 2012.

GUIMARAES, I. **Educação sexual na escola: mito e realidade.** Campinas: Mercado das Letras, 1995.

LEÃO, A. M. C. **Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da UNESP de Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual**

na formação de seus alunos. 2009. 343f. Tese (Doutorado em Educação Escolar), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

_____. **A percepção do(a)s professore(a)s e coordenadore(a)s dos cursos de Pedagogia da Unesp quanto à inserção da sexualidade e da educação sexual no currículo:** analisando os entraves e as possibilidades para sua abrangência. 2012. 259f. Relatório (Pós-Doutorado em Sexologia e Educação Sexual) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Araraquara, 2012.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.* Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

_____. *Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.09-34.*

MAIA, A. C. B. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação:** aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p.153-179.

MELO, S. M. M.; POCOVI, R. M. S. **Educação e sexualidade.** Florianópolis: UDESC, 2002. (Caderno Pedagógico; v.1).

NICHOLSON, L. *Interpretando o gênero. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.08, n.02, p.09-41, ago./dez. 2000.*

RIBEIRO, P. R. M.; REIS, G. V. Sexualidade e educação escolar: algumas reflexões sobre orientação sexual na escola. In: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. **Cadernos CECEMCA:** educação infantil: sexualidade e educação infantil. Bauru: Ed. da UNESP, 2005. p.20-26.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.20, n.2, p.05-19, jul./dez. 1995.*

SOUZA, F. C. **Desvendando práticas familiares e escolares a partir das relações de gênero:** uma reflexão sobre a educação de meninos e meninas. 2007. 222f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

WEEKS, J. *O corpo e sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2000. p.37-82.*